



PRIMEIRO A VIDA! AGROECOLOGIA COMO RESPOSTA À COVID-19 NA COMUNIDADE AI' COFÁN AVIÉ

Life as Priority! Agroecology as a response to COVID-19
in the ai'cofan Avié community

Javier Augusto Abi-Saab Arrieche ¹

RESUMO

Desde a antropologia ontológica, este artigo apresenta como a pandemia COVID-19 se experimenta como uma oportunidade para a comunidade Avié de nacionalidade ai'cofán da Amazônia Equatoriana, para o fortalecimento do território através das práticas agroecológicas que retomam valores tradicionais e ações de relacionalidade com a selva. A agroecologia, enmarcada no contexto da mutação ecológica, constitui uma resposta ao novo coronavírus ao estabelecer práticas que cuidam da nossa saúde, dos nossos corpos e do nosso alimento, temas que estão no centro dos impactos da pandemia. COVID-19 emerge para a comunidade Avié e para os coletivos ecologistas como um sintoma do desequilíbrio e desconexão do mundo urbano e industrial moderno com os seres da natureza. Ao longo do texto se analisa por que as práticas e valores agroecológicos relacionados à vida são uma resposta contundente e sistêmica à pandemia e à mutação ecológica que experimentamos.

Palavras-chave: Saúde Coletiva. Alimento. Antropologia Ontológica. Amazônia Equatoriana.

ABSTRACT

From an ontological anthropology, this article discuss how the indigenous community Avié from the ai'cofán nationality in the Ecuadorian Amazon experience COVID-19 as an opportunity to strengthen their territory through agroecological practices that take up traditional values and relationality with the jungle. Agroecology, framed in the context of the ecological mutation, constitutes a response to the new coronavirus when it establishes practices that take care of our health, our bodies and our food. These daily human issues are in focus as the Covid-19 pandemic impacts to human life. The pandemic has emerged for Avié community and for other ecological groups as a symptom of the imbalance and disconnection created by modern, urban and industrial society with nature. Throughout the text, there is an analysis on why agroecological practices and values related to life are a strong and systematic response to the pandemic and to the ecological mutation we are experiencing.

Keywords: Collective Health. Food. Ontological Anthropology. Ecuadorian Amazon.

¹ Fiocruz

Recebido em: 22/06/2020

Aceito para publicação em: 05/02/2021

Correspondência para:
javierabisaab@gmail.com

Introdução

A pandemia COVID-19 tem nos proporcionado refletir coisas que a gente estava esquecendo. No começo fiquei sem resposta a esta emergência sanitária, mas depois tomei uma decisão de poder; decidi voltar pra minha comunidade. Pensei que fazia isso sozinho, mas quando cheguei, descobri que outros comunheiros também voltaram. Tomamos a decisão de abrir espaços de chagras para toda a família e os comunheiros e cultivar produtos da zona. Não sabemos quanto tempo isso vai durar. Decidimos cultivar produtos alimentícios e acredito que podemos fazer isto em todas as comunidades, a nível de todos os povos indígenas e também ao nível dos mestiços, para que assim valorizemos o que há no nosso território (LUCITANTE, entrevista, 2020).

Todo acontecimento tem formas de ser experimentado. As realidades se enactúam, tomam forma, em corpos individuais e coletivos através de percepções e práticas. O vírus SARS-COV-2, um acontecimento em aparência de caráter exclusivamente biológico, produz realidades diferentes a partir dos corpos em que se experimenta (MOL, 2002). Neste artigo, exploro uma dessas experiências, partindo de um trabalho de campo feito em 2018 nas proximidades de Lago Agrio, no norte da Amazônia equatoriana, na comunidade ai'cofán Avié e de entrevistas feitas durante a quarentena nos meses de maio e junho de 2020 com Willian Lucitante, membro da comunidade e líder da União dos Afetados por Texaco (UDAPT). Indago como nessa comunidade a agroecologia emerge como uma resposta à pandemia COVID-19. Junto essa experiência com percepções de autores que vêm pensando o Antropoceno - era da mutação ecológica provocada pelo ser humano - e a pandemia COVID-19 como um evento dentro desta era. Assumo uma abordagem ontológica que, entre outras coisas, admite a potência de seres não humanos; considera que as realidades se constituem ou enactúam a partir das práticas cotidianas; e busca a conceitualização e a quebra de dicotomias como sujeito/objeto, cultura/natureza, corpo/ambiente, entre outras (HOLBRAAD, 2014).

É inegável que o vírus Sars-COV-2 chegou para mudar a realidade do ser humano. No momento em que finalizo este texto (junho de 2020) são quase oito milhões e meio de infectados, mais de 430 mil mortos em 213 países e territórios afetados; a maioria destes lugares experimentando um nível de restrições e de medidas preventivas. Mas o vírus também tem atuado a nível subjetivo, proporcionando um período de reflexão, de pausa ou um período sabático (LATOIR, 2020b) onde se vêm questionando e alterando de maneira quase imediata valores, práticas e percepções. O vírus tem nos imposto uma nova realidade e, de forma dialética, desde cada corpo e território têm se originado repostas que também constituem realidades concretas e igualmente significativas. Em cada um dos espaços que nos relacionamos podemos nos perguntar que práticas emergem e/ou se dinamizam por causa da pandemia? quais valores se promovem? que percepções são afetadas ou transformadas? Foco meu trabalho no território da comunidade indígena Avié habitado por oito famílias de nacionalidade ai'cofán que habitam um ambiente de floresta. Argumento que, para essa comunidade, a pandemia COVID-19 se experimenta como um sintoma de uma doença maior: a desconexão do ser humano com a natureza. Essa doença se expressa de maneira muito concreta no seu território a partir do histórico conflito entre a selva e a extração petroleira, pois, tanto esse conflito quanto a pandemia são manifestações da insustentabilidade do estilo de vida moderno da humanidade, questionando seu *ethos* e seu papel frente ao coletivo de outros seres.

Essa forma de perceber a pandemia reforça para o coletivo a necessidade da retomada de práticas que valorizem a vida, o cuidado e a comunidade. É assim que a agroecologia surge como a principal ação na resposta ao COVID-19, não só garantindo o sustento através do aumento da produção, mas também retomando as práticas ancestrais de relação com a floresta, que os ai'cofanes de Avié sentem que vêm perdendo devido à proximidade com a cidade. Dessa forma, desde Avié e através da agroecologia, a pandemia se experimenta como uma oportunidade para a retomada de valores tradicionais, mas também como uma oportunidade para dinamizar uma mudança global de comportamento que mitigue a destruição da natureza.

Este texto identifica três temáticas em que o SARS-COV-2 estabelece uma mudança de percepções para responder por quê a agroecologia é uma resposta contundente à crise civilizatória que se manifesta na pandemia. As três temáticas são: nosso estado de saúde; a nossa interrelação com outros seres humanos/seres vivos; e a nossa valorização da economia frente à vida ou vice-versa. Essas três temáticas encontram uma proposta clara na agroecologia através de três conceitos: a saúde, o corpo e o alimento. Em Avié, a agroecologia propõe uma experiência de saúde na qual se valoriza eticamente a conexão com a natureza em detrimento da utilização de insumos químicos provenientes do petróleo; uma experiência de corpo em interrelação com a selva, formando um corpo-território integrado; e uma produção do alimento em que este se percebe e é tratado como um elo fundamental para o cuidado da vida e não como uma mercadoria e a partir do qual se propõe um modo de produção e distribuição diferente à economia capitalista. Analisaremos cada um desses pontos com mais detalhes.

Saúde: a doença tem causas éticas

A pandemia do coronavírus é uma manifestação entre muitas do modelo de sociedade que se começou a impor globalmente a partir do século XVII e que está hoje chegando à sua etapa final. É este o modelo que está hoje a conduzir a humanidade a uma situação de catástrofe ecológica (SANTOS, 2020).

Provavelmente o maior dos questionamentos que nós fazemos no momento de pandemia de COVID-19 é sobre a fragilidade da nossa saúde coletiva. A sociedade humana se sente frágil e vulnerável frente a uma ameaça invisível que pode estar em quase qualquer lugar, mas que prioritariamente, pode estar nas pessoas ao nosso redor, mesmo de aparência saudável. A pandemia nos faz sentir que os seres humanos estão passando por uma doença coletiva ou ao menos um momento em que a saúde de todos está em xeque. Para compreender melhor essa percepção devemos pontuar que o COVID-19 não está acontecendo em qualquer momento, mas sim, coincide temporalmente com o Antropoceno, era em que o ser humano (ou ao menos parte da espécie) se percebe como uma entidade que afeta negativamente a geologia e o resto da vida no planeta. A mudança climático e a destruição ambiental têm tido nos últimos anos um destaque na atenção da comunidade internacional, ficando cada vez mais claros os efeitos do ambiente sobre a saúde dos seres humanos. “Todos os eventos que acontecem no nosso mundo agora pertencem ao Antropoceno, já que essa é a era que vivemos” (VIVEIROS DE CASTRO, entrevista, 2020). A pandemia, nesse contexto, não só nos faz sentir que estamos doentes coletivamente, mas que também somos responsáveis pela nossa doença.

Essa visão da relação entre a saúde coletiva e a saúde do planeta pode ser novidade no pensamento da cultura ocidental, mas não é novidade na percepção ameríndia dos ai'cofanos. Ancestralmente, os grupos amazônicos percebem o forte vínculo entre a selva e a saúde coletiva. Para eles, as energias dos seres humanos provêm das energias da selva.

A selva é a casa dos indígenas. É um espaço de vida onde temos a alimentação, temos as medicinas, temos água e onde podemos cultivar. É um todo para a vida. A selva nos dá energia aos seres humanos que somos conscientes e estamos lutando. Mas a selva também está contaminada e hoje não tem tanta energia quanto antes (LUCITANTE, entrevista, 2018).

O território onde se encontra a comunidade Avié faz parte de uma Reserva Indígena de 55 mil hectares de selva primária; o acesso só acontece por barca. Porém, na parte de cima do rio existe extração petroleira cujos dejetos chegam até a comunidade através do Rio Bermeja. Trata-se de um caso de contaminação causado pela indústria petroleira que lamentavelmente é comum na Amazônia

norte-equatoriana. Desde a década de 1990, nesse território, a União de Afetados pela Texaco (UDAPT) é a principal organização que reivindica os direitos das comunidades afetadas, das famílias que perderam seus seres queridos e da natureza, que na Constituição equatoriana é um sujeito de direito. Essa organização une diversas nacionalidades indígenas, camponeses e ecologistas que estão processando a Chevron-Texaco pelos danos ocasionados desde o início das suas atividades petrolíferas. Willian Lucitante, da comunidade Avié é o presidente dessa associação e nos explica como nas regiões onde tem auado a indústria petrolífera os casos de câncer, abortos e doenças de pele são, significativamente, mais altos que no resto do Equador (UDAPT, 2017). Essa realidade tem criado a percepção de que tudo aquilo que é vinculado com o petróleo se relaciona com destruição, doença e morte, enquanto tudo aquilo que se vincula com a selva incorpora valores de vida, saúde e sabedoria.

Sendo assim, as doenças em Avié não são experimentadas como acontecimentos puramente biológicos, mas também como acontecimentos éticos e com um modo de produção extrativo. Numa percepção mais ampla, tudo aquilo que está associado com os valores da sociedade capitalista e de consumo, produz doença, enquanto tudo aquilo mais associado a uma naturalidade, produz saúde. No caso de COVID-19, essa percepção encontra eco nos diversos coletivos ecologistas que identificam como causa principal da doença o estilo de vida do ser humano moderno. Existem diversas narrativas, mas a maioria coincide num mesmo ponto: a pandemia é fruto de um desequilíbrio ecológico causado pelo ser humano. O *ethos* da humanidade é questionado pela doença. Os coletivos radicalizam a crítica da forma em que habitamos e tratamos o mundo nos últimos 200 anos, organizando nossa vida e práticas em torno de um tipo de economia que não reconhece os valores dos territórios.

Para os ai'cofanos, a única forma de curar essa doença é restabelecendo o vínculo entre o ser humano e a natureza. Adotam a naturalidade como um valor com capacidade curativa, o que significa uma postura ética (NISSEN, 2015) que desafia a ordem racional científica da modernidade. Isso, como sabemos, não é algo novo para os ai'cofanos; para eles, o estilo de vida nas cidades tem afastado o ser humano do seu ambiente. Para o próprio grupo de Avié, tem sido difícil se manter na comunidade porque muitos deles sentem a necessidade de trabalhar em cidades próximas. Existe uma sensação progressiva de desconexão com os valores tradicionais e com a selva.

Para restabelecer essa conexão, os ai'cofanos contam com algumas ferramentas, entre elas está o ritual do yagé ou ayahuasca, que é praticado de maneira comunitária de forma regular e é considerado uma medicina espiritual. Uma outra forma que vem ganhando clara importância como terapia é a agroecologia. Esse tipo de agricultura se manifesta no território através da chagra tradicional (um tipo de sistema agroflorestal tradicional) e propõe uma relação de cuidado mútuo com o ambiente. Enquanto o ser humano cuida do solo, das plantas e dos animais, a selva está cuidando do ser humano com alimentos.

A relação que temos com a natureza na chagra é muito importante. É um vínculo complementar que os habitantes temos. Nas chagras podemos cultivar distintas espécies, plantas frutais, peixes, animais e é um ciclo, um sistema para prover este alimento. A natureza nos dá para poder cultivar e tudo o que nós cultivamos atrai outras espécies que comem destes frutos que são também alimentos para os cofanos. São animais que estão vinculados com a energia da selva, têm os seus próprios amos (LUCITANTE, entrevista, 2020).

Em Avié, a prática agroecológica vai em linha com o distanciamento que se procura do petróleo. Os fertilizantes químicos são vistos como um produto derivado do petróleo, que claramente traz doença aos nossos corpos e tem efeitos destrutivos no curto e longo prazo no solo e na biodiversidade.

Ao valorizar a naturalidade e a comunidade nas suas práticas, a agroecologia fortalece a luta pelo território. Isso significa, também, que abre a possibilidade de reatar os laços culturais, familiares e sociais que não estão dissociados da valorização da naturalidade. Muitos dos comunheiros tem voltado à comunidade durante a pandemia COVID-19 devido à percepção de que em Avié existe um ambiente saudável a nível físico, social e espiritual propiciado pela selva.

Todos (os membros da comunidade voltaram porque na sua comunidade há uma cobertura de selva, da vegetação, então tentaram voltar para poder viver num ambiente um pouco mais saudável e começaram a cultivar e utilizar plantas medicinais que conhecem seus avós e avôs para fazer rituais e afastar doenças. Me dei conta das energias que estava perdendo na cidade, e na comunidade encontrei tranquilidade (LUCITANTE, entrevista, 2020).

A agroecologia na forma de chagra tradicional assume papel pragmático e vital de proporcionar autonomia material para fazer possível a estadia nas comunidades, mas também possibilita uma cura das relações sociais e espirituais ao aproximar os comunheiros da selva. Desde o ponto de vista da saúde mental, a retomada do vínculo comunitário é um fator tão relevante quanto a retomada das relações com os seres da natureza. Nesse território e em outros, a pandemia do COVID-19 tem acelerado uma percepção de saúde coletiva que valoriza a organização e os afetos que provém da comunidade.

Nos últimos quarenta anos foi dada prioridade absoluta ao princípio do mercado em detrimento do Estado e da comunidade. A privatização dos bens sociais coletivos, tais como a saúde, a educação, a água canalizada, a eletricidade, os serviços de correios e telecomunicações e a segurança social, foi apenas a manifestação mais visível da prioridade dada à mercantilização da vida coletiva. A pandemia e a quarentena estão revelando que são possíveis alternativas, que as sociedades se adaptam a novos modos de viver quando tal é necessário e sentido como correspondendo ao bem comum (SANTOS, 2020)

Isso dialoga com a percepção de autores como José Luís Fiori, o qual nos indica que a pandemia da COVID-19 tem tido a particularidade de promover uma solução egóica. As próprias medidas de prevenção, baseadas no isolamento e fechamento de fronteiras, estimulam esse tipo de isolamento de indivíduos, comunidades e nações (FIORI, 2020). Se bem que, do ponto de vista da geopolítica global, esse isolamento tende a ser considerado negativo e, prpr do ponto de vista comunitário e identitário, tende a reforçar valores e práticas importantes. Em Avié, por exemplo, o isolamento trouxe de volta a maioria dos seus membros para repensar a comunidade e o alimento.

Para sanar as relações sociais a proposta agroecológica não vem sozinha, vem acompanhada de um conjunto de outras propostas práticas complementares que se consolidam como uma alternativa socioambiental única e diferenciada. Entre essas outras propostas complementares estão: a soberania alimentar, a reforma agrária, a economia social e solidária, a agricultura familiar e comunitária, o consumo responsável. Todas estas alternativas se apresentam como possibilidades de contrapeso à valorização extrema do mercado frente à comunidade, mudando as formas de produção e procurando sanar as relações sociais.

SARS-COV-2 coloca em xeque nossa saúde coletiva de uma forma integral, não só representando uma doença biológica, mas também evidenciando os desequilíbrios a nível psíquico e social. A resposta da agroecologia se faz contundente na medida em que consegue abranger os diferentes aspectos desses desequilíbrios e propõe um estilo de vida mais ético, conectado e saudável no qual se integram a diversidade de corpos com os territórios que habitamos.

Corpo/território: estamos interconectados

Outro dos impactos mais relevantes ocasionados pelo SARS-COV-2 é a percepção da nossa interconexão a escala global. O vírus vem fazendo um percurso planetário de boca em boca, da China até a África, passando por todos os continentes e utilizando corpos humanos como seu vetor; ao mesmo tempo, nos faz perceber que as ações de uns poucos têm a capacidade de afetar a muitos de

nós: “o vírus mostra que a oposição entre os atos individuais e coletivos, precisamente nos casos de contágio é imprecisa” (LATOURE, 2020b). Isso certamente evidencia a interconectividade entre humanos e não humanos em tempos de globalização, ou como o Bruno Latour sugere, uma globalização muito maior que a globalização econômica, onde “cada entidade desse mesmo planeta tem sua maneira própria de integrar os outros elementos que compõem, em um dado momento, o coletivo” (LATOURE, 2020a). A interconectividade nem sempre é experimentada como um elemento de potência ou benéfico. Nas palavras de Ailton Krenak “O coronavírus é a globalização que nós não queríamos” (KRENAK, 2020). Desse ponto de vista, existe uma forma de estar interconectado que é percebida como positiva e outra que não. Dentro de uma perspectiva ecologista, de onde vêm a crítica do Krenak e a visão do Latour, pode-se complementar que aquela globalização que não se quer é aquela que promove destruição, submissão e morte; enquanto existiria uma globalização capaz de promover intercâmbio, potência e vida.

A história recente do ser humano tem muitos exemplos de uma interconectividade global com impactos negativos, entre eles a colonização, a escravidão, as relações de exploração dos recursos naturais e, a que queremos destacar mais nesse momento, as relações de produção e comercialização da agricultura industrial. Os sistemas agroindustriais são compostos por uma longa cadeia de interconexões: produtores de insumos, agricultores, transportadores, comerciantes e consumidores. Na agroecologia se considera que a cadeia que propõe o sistema industrial é muito mais comprida do que deveria ser e isso cria dependências perigosas. Nos países da América Latina, a experiência agrícola industrial tem ocasionado danos severos nos ecossistemas e nas sociedades camponesas. Isso porque ela tem se configurado como um tipo de agricultura monocultora e exportadora que requer de grandes espaços de terra e de capital para sua produção e comercialização; precisa da utilização de maquinaria pesada, de agrotóxicos para eliminar pragas e de grandes quantidades de petróleo para se mover. Esse tipo de agricultura tem se mostrado ineficiente, tanto a nível energético quanto para garantir o sustento das famílias indígenas e camponesas, destruindo o solo e o tecido social no campo.

A agricultura ecológica propõe uma rede em que a interconectividade dos seres gera relações simbióticas e sintrópicas, aproveitando ao máximo a energia disponível e criando complexidade. A cadeia produtiva do sistema agroalimentar ecológico é menor, pois está baseada numa lógica local; existe a proposta de diminuir progressivamente a utilização de insumos externos, com foco na soberania alimentar e na comercialização direta entre produtores e o consumidores. A complexidade vem do reconhecimento das necessidades de interações dos seres não humanos, começando por uma maior compreensão e respeito pelas especificidades de cada ecossistema, aproveitando o máximo da fotossíntese, criando sistemas produtivos complexos com múltiplas espécies, procurando a regeneração e o ganho na biodiversidade e na microbiologia do solo, estimulando as interações entre plantas, insetos e outros animais.

Esse princípio de complexidade nas práticas agroecológicas encontra sua expressão em cada território. No caso da chagra dos a'ícofanés, as complexidades na plantação também se vinculam a uma relação com os ancestrais e com os astros.

Desde a minha comunidade, começamos há dois anos a resgatar as chagras tradicionais. Chamamos elas assim porque nossos avós já cultivavam todo tipo de plantas frutais de forma muito variada. É tudo muito saboroso. Trabalhamos em um hectare e não precisamos mais do que isso. Dentro de meia hectare estamos semeando muitas plantas como graviola, abacate, guaiabas, achiotillo, cana, abacaxi. Nossos ancestrais contam o tempo das fases da lua para cultivar as plantas; contam quando cortar a madeira e quando semear. Sabem quando semear o milho. Existe uma relação profunda com a natureza (LUCITANTE, entrevista, 2018).

No sistema de produção agroindustrial, a complexidade das interações consiste em fazer crescer o negócio da alimentação, enquanto na agroecologia, consiste em criar mais possibilidades para o florescimento da vida em diversidade. O texto *Hacia una ontología de la agricultura* de Omar Felipe

Giraldo (2013) propõe que o estilo de produção agrícola que se realiza determina a forma de ser dos agricultores. Para Giraldo, o ser está em constante criação e surge conjuntamente com as práticas que realizamos. A agricultura é uma prática profundamente ontológica porque se “somos o que fazemos”, como nos dizem Maturana y Varela (2003), na atividade agrícola, mais do que em qualquer outra atividade, o ser humano se constitui numa rede de relações com os outros seres vivos e entidades naturais como o clima, solo, selva, água, etc.

A agricultura tem o potencial de definir, através de um conjunto de práticas, o ambiente que produzimos, as relações que criamos e aquilo em que nos constituímos como seres individuais e coletivos. Isso pode ser de caráter benéfico, como propõe a agroecologia ou de caráter destrutivo, como Giraldo sugere que acontece nos sistemas agroindustriais

Os espaços modificados sobre o racional do monocultivo terminam habitando os corpos daqueles que fazem monocultivos. Vão se convertendo em lugares encarnados que formam seres competitivos, destrutivos, solitários, desconfiados. Seres extraviados da terra e submetidos à engrenagem de um sistema industrial que devasta as complexas tramas da vida (GIRALDO, 2013).

As práticas do modelo de produção têm criado relações de distanciamento do ser humano com seu território e o tem constituído como um ser nocivo para o planeta. Esse distanciamento do território também se vê explícito nos espaços que construímos. A pandemia do COVID-19 tem nos feito perceber que os espaços criados nas últimas décadas dificultam nossa interrelação com os territórios, com a natureza e com os outros seres humanos, atrapalhando a formação do nosso ser como um ser em interrelação e integrado. As cidades modernas seguem um princípio de afastamento da natureza, constituindo seres humanos alheios da própria natureza, alienados politicamente, pois seu maior valor é o individualismo e, portanto, prontos para servir ao modelo produtivo e de consumo industrial.

Devido à pandemia, “muitos arquitetos que não podem voltar aos seus projetos redescobrem a importância de redesenhar o que chamamos de habitat moderno” (LATOURE, 2020b). O COVID-19 se espalha, principalmente, nas cidades onde convivem muitos habitantes de forma aglomerada. Os grandes espaços urbanos costumam ser completamente alheios a sua relação com o campo, mas neste tempo, muitas pessoas têm percebido como existe uma dependência da produção de alimentos que acontece fora dos limites das cidades. Apartamentos e outros espaços que antes poderiam ser considerados saudáveis, têm passado a ser percebidos como marcadamente reduzidos e, muitas vezes, como agentes de desconexão dos indivíduos com seu entorno biológico e social. Para o bem ou para o mal, a pandemia levou milhões de nós a encarar com outros olhos os espaços que cocriamos para avaliar o quanto estes são capazes de nos brindar com saúde física e mental.

Esse tempo de reflexão proposto pela pandemia, pode nos levar a considerar outras formas de lidar com o nosso território e com o nosso corpo. Como já vimos, os membros da comunidade Avié relacionam o espaço onde habitam com a saúde coletiva. Para esse grupo existe a percepção clara de que corpo e território são um mesmo organismo. Na concepção ameríndia, os corpos estão diretamente vinculados com o ambiente externo e com as dinâmicas da natureza em múltiplas escalas. Microcosmos e macrocosmos fazem parte de um mesmo ser e uma mesma dinâmica

A noção de território não sugere um espaço geográfico ou um polígono sobre o qual um indivíduo ou uma instância (por exemplo o Estado) exerce alguma forma de soberania, senão um corpo que se constitui incessantemente por meio de relações entre entes que vivem em diferentes níveis ou mundos (VERSCHOOR e TORRES, 2014).

Nos ai'cofanos existe, então, uma visão de fractalidade que se contrapõe a uma visão de fragmentação proveniente do conceito ocidental de território. Os movimentos ecologistas expandem a visão fractal ao considerar, na teoria de Gaia, o planeta Terra como um organismo vivo; isto é, como um

corpo único composto por uma multiplicidade de seres interconectados, entre os quais nos encontramos os seres humanos. Para o movimento socioambiental, a percepção deste ser único nos leva a compreender, também, uma frente única interrelacional onde podemos agir em diferentes camadas. Talvez a forma mais fácil de começar é através do cuidado do nosso corpo, nossa vida e nossa saúde, porque se o território é um corpo, cada corpo é também um território a ser defendido.

Tenho uma corporalidade com uma memória histórica ancestral. Sobre este corpo atravessam todas as opressões. Racismo, colonialismo, formas dominantes de hegemonia e pensamento. Portanto, neste momento, esse corpo se torna a interpretação de um corpo em disputa, de um território em disputa. Porque é um território de onde nasci (CABNAL, 2017).

Em Avié se reconhece incoerente a defesa do corpo sem a defesa do território e vice e versa. “O conceito indígena sobre o território é que ele é nossa vida. Muitas vezes chamamos de mãe terra. Porque o território é o que cuida, ali se cultiva, se colhe, se alimenta e se vive disso” (LUCITANTE, entrevista 2020).

Se SARS-COV-2 nos coloca em uma situação limite em que nossos corpos interrelacionados representam um risco e por isso devemos nos isolar em espaços delimitados, a agroecologia, nutrida pela visão indígena, nos faz pertencer os territórios de saúde onde se percebe a interrelacionalidade como uma benção e surge o convite ao encontro da multiplicidade de seres da natureza. Assim como um monocultivo é muito mais propenso a pragas que uma floresta, nosso isolamento espacial e o desequilíbrio que causamos nas nossas relações nos fazem seres vulneráveis a doenças. Da agroecologia emerge uma prática que marca o encontro entre o corpo e o território, promovendo uma cadeia de interrelações benéficas entre o ser humano e outros corpos da natureza; para que isso aconteça, conta com a ajuda de um elemento de intercâmbio de caráter estratégico: o alimento.

Alimento: o (falso?) dilema entre vida e economia

Nós semeamos alimentos. Não semeamos dinheiro (VACA, entrevista, 2018).

Em muitas comunidades falamos da importância da vida. Temos falado do dinheiro e da produção vinculada ao dinheiro. Mas quando tratamos da vida, falamos do alimento. Queremos ser felizes, e para sermos felizes devemos nos alimentar bem. O alimento é a base fundamental da vida. O dinheiro é a contrapartida para as pessoas nas cidades (LUCITANTE, entrevista, 2020).

A SARS-COV-2 levantou um dilema (ou falso dilema) que caracteriza nossa sociedade globalizada: vida versus economia ou, ainda mais claro, saúde versus dinheiro. A quarentena é considerada pela comunidade científica a principal medida para diminuir a propagação da COVID-19, mas o isolamento reduz significativamente a capacidade de produção e consumo do sistema econômico dominante, ocasionando uma queda de produtividade e afetando o modelo socioeconômico, o que certamente tem efeitos negativos em grande parte da população, particularmente nos grupos com menos recursos. A decisão política de fazer ou não fazer o isolamento nos coloca a questão sobre o que devemos priorizar: a vida de pessoas ou a economia? e ainda nos coloca a dúvida: olhar para uma significa esquecer da outra?

Em paralelo, ao nos colocar em estado de emergência, a pandemia nos faz perceber aqueles bens e serviços essenciais para nossa sobrevivência e para a manutenção do nosso estilo de vida. “A pandemia tem reaberto o debate sobre aquilo que é necessário e o que é possível” (LATOURE, 2020b) Em relação ao alimento, inquestionavelmente essencial, a pandemia tem nos ajudado a perceber a vulnerabilidade das sociedades humanas ao ser dependentes do sistema agroindustrial. Nesse modo de

produção e distribuição, a sustentabilidade da vida se coloca em risco, porque produzir alimentos está vinculado à necessidade de produzir lucro para algumas poucas empresas. As limitações de produção e distribuição ocasionadas pela COVID-19 e os anúncios de um possível desabastecimento generalizado certamente tem reforçado a necessidade de tomar ações em direção a uma produção de alimentos própria dos territórios com foco na soberania alimentar. Particularmente, tem acelerado esses processos em coletivos onde já se levantava a bandeira da agroecologia.

Produzir alimentos de maneira industrial ou de maneira agroecológica marca uma diferença abismal de práticas e valores, assim como dos sujeitos que se produzem dessas práticas. No capitalismo, o alimento é uma mercadoria geradora de lucro e, para obtê-lo, a agroindústria não considera um problema destruir o solo, as florestas, a biodiversidade nem as culturas indígenas ou camponesas. A relação que a sociedade moderna capitalista tem com o alimento é bastante doentia. Quando vegetal, o alimento é alterado geneticamente para crescer mais rápido e poder resistir a pragas e agrotóxicos, e é desprovido do seu valor nutricional, pois o solo está carente de nutrientes. Quando animal, o alimento é desrespeitado como um ser vivo: é encerrado durante toda a vida em espaços pequenos, no escuro, sem poder socializar ou se locomover; é injetado com antibióticos para não adoecer e com hormônios para engordar o mais rápido possível; é enviado ao matadouro numa linha de produção fordista. Se é consenso que os agrotóxicos são claros agentes de doenças, a produção industrial de animais tem efeitos tão ou mais prejudiciais para a saúde humana. Inclusive ocasionando pandemias.

A melhor maneira de desenvolver agentes patógenos é juntar quantidades enormes de seres humanos ou animais em um espaço fechado. E esta é a razão pela qual a pecuária industrial é um perigo para a saúde pública. De fato, está comprovado que estes lugares promovem a transmissão de agentes patógenos entre animais, mas também entre animais e humanos (HENDERICKX, 2020).

Para vegetais e animais, o alimento é selecionado por padrões estéticos do mercado; é comercializado a grandes distâncias, requerendo da energia do petróleo. Sua pegada ecológica é enorme e, em muitos casos, o alimento é desperdiçado, pois não está direcionado às pessoas que precisam comer, mas espera por aqueles que possam comprar. A prioridade da economia sobre a vida nesse modo de produção de alimentos é clara.

A indústria da carne e do peixe está formada por multinacionais que cotizam na bolsa, e como sabemos a bolsa é um lugar onde, mais que em nenhum outro lugar, o benefício se coloca acima de tudo. Aquilo que prevalece é ganhar o máximo de dinheiro possível e não importa que uma comida de péssima qualidade seja o resultado (HENDERICKX, 2020).

Por outro lado, os coletivos de produção agroecológica colocam o alimento como o elo fundamental para o cuidado da vida, das relações humanas e das relações entre diversos seres vivos. Apoiado no valor da soberania alimentar, o foco que se propõe não é o de produzir para gerar lucro e sim produzir para sustentar a família, a comunidade, a sociedade. Na prática, para o ser humano, isso resulta em uma produção diversa de alimentos de qualidade, diferente da produção agroindustrial, cuja ideia é produzir em grande escala de um reduzido grupo de alimentos de baixa qualidade. Mas, para a agroecologia, o alimento não se refere só ao ser humano, ele é um elo para o intercâmbio entre os diversos seres que compõem o ambiente; em outras palavras, é a base de uma cadeia de produção e distribuição ecológica.

Nas práticas agrofloretais de Avié e de outros coletivos agroecológicos do norte da Amazônia Equatoriana existem árvores cujo principal destino é a alimentação de pássaros e macacos; algumas palmeiras, leguminosas e bananeiras também são inseridas no sistema com a finalidade de nutrir o solo

com os três componentes essenciais: fósforo, nitrogênio e potássio. Abelhas nativas são aproveitadas para a produção de mel e para a polinização das flores. Húmus é produzido a partir de resíduos de animais domésticos e humanos a fim de reproduzir microrganismos e reciclar nutrientes. Ou seja, são criados ciclos completos de alimentação entre as diversas espécies, reciclando nutrientes e promovendo a reprodução e evolução do sistema. O alimento, como transformação constante da energia, é a conexão fundamental entre o corpo e o meio ambiente; e mais ainda, o alimento nos ajuda a romper com a concepção binária de corpo e ambiente a favor de uma integração em constante transformação. O que hoje faz parte do solo, amanhã se torna parte de uma planta e depois de amanhã parte de mim. Existe uma rede de produção e intercâmbio que propõe valores marcadamente diferentes à economia de produção industrial que vem modelando a sociedade.

Para os povos indígenas a economia é uma invasão, e não pode se relacionar com a alimentação, mas sim considerar o valor do que produzimos com um valor nutricional. Nós valoramos os produtos e por isso os cuidamos, compartilhamos com outras famílias e animais. A economia explica o sistema que se vive na cidade. No campo, pensar isto não é necessário. Mas se você tem um produto, este pode ser compartilhado. Tem um valor (LUCITANTE, entrevista, 2020).

Vemos em todos os jornais como o SARS-COV-19 nos sugere que existe uma relação dicotômica entre a vida e a economia. Ou salvamos vidas ou salvamos a economia. Isso parece se reproduzir de maneira ampla na sociedade capitalista e é também muito clara na produção industrial de alimentos. Os agrotóxicos são um exemplo disso: inseticidas, fungicidas e herbicidas são insumos que nos dizem ser necessários para a produção dos alimentos que devem sustentar a vida humana. A agroindústria precisa de resultados no menor tempo possível e acredita que matando qualquer competição das plantas e depois adicionando nutrientes químicos, vai conseguir melhores resultados. A justificativa para o uso dos agrotóxicos é que se não são utilizados, milhões de pessoas morreriam de fome. Os estudos agroecológicos nos demonstram que, com o passar do tempo, os agrotóxicos não estão matando apenas as pragas, mas estamos, também, matando a microbiologia do solo e os insetos polinizadores, reduzindo dramaticamente a saúde e produtividade do sistema; em outras palavras, produzem morte para gerar lucro. Por isso a lógica agroecológica é marcadamente diferente, pois se propõe nutrir o solo e aumentar a biodiversidade para que, em um mesmo espaço, possam ser produzidos cada vez mais alimentos. Trata-se de uma lógica de abundância, em que se produz vida para gerar mais vida e, eventualmente, também para facilitar outros intercâmbios.

Sendo assim, a agroecologia responde à pandemia e ao sistema produtivo ao indicar que o dilema entre vida e economia pode ser considerado um falso dilema. É certo que se privilegiamos o dinheiro frente a vida, como estamos fazendo desde a revolução industrial, a tendência é promover morte, destruindo, ao mesmo tempo, as possibilidades de produção e intercâmbio (a economia). Porém, ao valorizar a vida frente à produção de lucro, as possibilidades de produção e intercâmbio aumentam. Os ecossistemas e a agroecologia nos mostram que existem formas de produção e intercâmbio que não só são facilmente concebíveis em conjunção com a vida, mas que a potencializam. O que não é concebível com a vida é um tipo de produção e intercâmbio desconectado das necessidades de sustentabilidade material e ignorante da interrelação entre os diversos seres da natureza e o ser humano. Não é possível conceber a vida em sustentabilidade em um tipo de economia que desvaloriza as relações humanas, a diversidade e que toma decisões políticas que levam à morte de pessoas, culturas e ecossistemas.

Não existe contradição completa entre vida e economia, mas a ordem da prioridade deve ser clara. Primeiro a vida, depois a economia. Na ordem contrária, não haverá nenhuma das duas. A vida é o mais importante. A economia se pode entender e construir de diferentes formas. E deve se basear nas necessidades pela vida (LUCITANTE, entrevista, 2020).

Frente à pandemia e à mutação ecológica, a agroecologia propõe uma nova forma para as relações de produção e intercâmbio. Mas sabemos que essa forma de perceber a pandemia como oportunidade não é a única. Em outros grupos políticos também se considera que essa é uma boa oportunidade para fazer crescer os negócios sem se importar pela destruição de culturas e ecossistemas. Diversos governos têm afrouxado as medidas de prevenção da COVID-19 para permitir que a economia (vista no seu formato mais capitalista mediada pelo valor das ações nas bolsas de valores) volte ao seu “normal”. O que argumentam é que, se as pessoas não morrem pela pandemia da COVID-19, vão morrer de fome. Dessa forma se anuncia que o problema para realizar o isolamento e cuidar da vida é prioritariamente alimentar, mas as medidas tomadas em momento algum consideram uma melhor distribuição do alimento que já se produz ou alguma mudança na forma em que o mesmo se produz, onde se produz e quem o produz. Em muitos países, sequer se considera o tema de distribuir recursos para que as pessoas possam realizar o isolamento de maneira adequada, garantindo a segurança alimentar das famílias.

As propostas políticas que surgem da agroecologia em relação à pandemia se vinculam com a garantia do alimento de qualidade para todos, um aumento da produção e comercialização dos produtos dos pequenos produtores, maiores facilidades para o acesso a mercados locais, através de uma economia solidária e apoio aos produtores que estejam enfrentando dificuldades nesse momento. Para além desse momento da pandemia, a agroecologia propõe uma mudança sistêmica no modelo de produção do alimento e, com isso, uma mudança radical na estrutura social

Existe uma necessidade urgente de promover novos sistemas alimentares locais para garantir a produção de alimentos abundantes, saudáveis e acessíveis para uma crescente população humana urbanizada. A agroecologia tem o potencial de produzir localmente grande parte dos alimentos necessários para as comunidades rurais e urbanas, particularmente em um mundo ameaçado pelas mudanças climáticas e outros distúrbios, como as pandemias de doenças (ALTIERI e NICHOLLS, 2020).

Isso vai em linha com a proposta de Bruno Latour (2020a), que considera esse momento como uma oportunidade importante para propor novas práticas e redefinir o sistema produtivo. A oportunidade é ideal porque, acima de qualquer outra coisa, a pandemia do coronavírus tem nos mostrado que é possível parar em poucas semanas um sistema econômico que nos diziam ser imparável.

O que o vírus consegue com a humilde circulação boca a boca de perdigotos – a suspensão da economia mundial – nós começamos a poder imaginar que nossos pequenos e insignificantes gestos, acoplados uns aos outros, conseguiram suspender o sistema produtivo. Ao nos colocarmos esse tipo de questão, cada um de nós começa a imaginar “gestos barreira”, mas não apenas contra o vírus: contra cada elemento de um modo de produção que não queremos que seja retomado (LATOIR, 2020a).

A agroecologia como mudança sistêmica, estaria cheia destes pequenos gestos que individual e coletivamente são capazes de acabar com o sistema produtivo atual, marcado pela destruição, para estabelecer um sistema produtivo marcado pela promoção da vida, da diversidade e da solidariedade.

Considerações finais

Existe esperança de sair de tudo isto, mas temos que considerar que se trata de um sistema e que, em algum momento, vamos nos encontrar com alguma situação

semelhante, ainda que não seja o mesmo COVID-19. Temos que estar preparados psicologicamente e temos que gerar consciência na coletividade. Não podemos confiar em governos de nações, mas sim devemos confiar em nós mesmos (LUCITANTE, entrevista, 2020).

Através da experiência da comunidade Avié, percebemos como a agroecologia se constitui como uma resposta sistêmica que propõe uma mudança à forma como o ser humano se relaciona socialmente, com a natureza, com o alimento e com a sua saúde. A COVID-19 estimula a necessidade de uma mudança prática em direção da prioridade da vida sobre o estilo de produção e intercâmbio proposto desde o capitalismo globalizado. A agroecologia nos diz que olhar para a vida primeiro significa, também, potencializar a produção e o intercâmbio sobre valores muito mais benéficos para a saúde e bem-estar dos nossos corpos-territórios.

Resta-nos saber se a clareza dessa resposta tem força suficiente para se impor frente a outras formas de apropriação política e econômica da pandemia, como a daqueles que estão utilizando da situação caótica para aprofundar a desregulamentação das leis ambientais e mesmo o genocídio de comunidades tradicionais e grupos vulneráveis. Se a proposta tem força suficiente para se expandir em práticas concretas ao redor do mundo e se manter como uma possibilidade duradoura, alterando comportamentos no médio e longo prazo, ou se tudo voltará aos eixos anteriores, uma vez que a doença perca força. Se a vida deixará de ser uma prioridade novamente quando seja possível retomar as ruas, trabalhos e consumos (SANTOS, 2020). Em Avié, se espera que a pandemia possa realmente significar um marco para uma mudança de comportamento coletivo.

No mundo das nacionalidades indígenas esperamos que o mundo ocidental tome consciência a partir da pandemia. Estamos matando a natureza estamos acabando com as culturas indígenas. A terra faz parte da natureza e precisa de fertilidade para produzir alimentos para todos. Esta seria uma oportunidade de aprendizagem para fazer as coisas diferentes (LUCITANTE, entrevista, 2020).

Referências bibliográficas

- ALTIERI, M; NICHOLLS C. I. **La agroecología en tiempos de COVID-19**. CLACSO, 2020. Disponível em: <https://www.clacso.org/la-agroecologia-en-tiempos-del-covid-19/> Acesso em: 20 mai. 2020
- CABNAL, L. **Red de sanadoras ancestrales del feminismo comunitario en Guatemala**. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6CSiW1wrKil&t=300s> Acesso em: 03 jun. 2020
- FIORI J. L. **O mundo após a pandemia: cenários**. Ágora Abrasco, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mc3vTPoHuDU>. Acesso em: 16 set. 2020
- GIRALDO, O. F. **Hacia una ontología de la agricultura en perspectiva del pensamiento ambiental**. Polis, Revista Latinoamericana. Ed. 34, 2013.
- HENDERICKX S. **Cuál es la relación entre el coronavirus y nuestra alimentación**. 2020. Disponível em: <https://www.investigacion.net/es/cual-es-la-relacion-entre-el-coronavirus-y-nuestra-alimentacion/> Acesso em: 28 mai. 2020
- HOLBRAAD M. **Tres provocaciones ontológicas**. *Ankulegi* 18, 127-139. Univesity College of London, 2014.
- KRENAK A. **A pandemia do coronavirus na visão indígena**. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ear8uSWbF34> Acesso em: 20 mai. 2020
- LATOUR B. **Imaginar gestos que barrem o retorno da produção pré-crise**. 2020(a) Disponível em: <https://n-1edicoes.org/008-1> Acesso em: 13 mai. 2020
- LATOUR B. **Imaginar o mundo depois do COVID-19**. 2020(b). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TOP7HRPI5gM> Acesso em 10 jun. 2020
- MATURANA H; VARELA F. **El árbol del conocimiento. Las bases biológicas del conocimiento humano**. Lumen, Buenos Aires, 2003.
- MOL, A. **The body multiple: ontology in medical practice**. Duke University Press. Durham and London, 2002.

NISSEN, N. **Naturalness as an ethical stance: idea(l)s and practices of care in western herbal medicine in the UK**, *Anthropology & Medicine*, 22:2, 162-176, DOI: 10.1080/13648470.2015.1043789, 2015.

SANTOS de SOUZA, B. **A cruel pedagogia do vírus**. Ediciones Almedina. Coimbra, 2020.

UDAPT e CLÍNICA AMBIENTAL. **Informe de Salud. Estado de las comunidades en que operó Texaco**. Editora da Clínica Ambiental. Lago Agrio, 2017.

VERSCHOOR G; Torres C. **Mundos equivocados: cuando la abundancia y la carencia se encuentran en la amazonía colombiana**. *Iconos, Revista de Ciencias Sociales*. Número 54, pp 71-86. Quito. 2016

VIVEIROS DE CASTRO (2020). **Lo que está pasando en Brasil es un genocidio**. Observatório Plurinacional de Águas. Entrevista de 20/05/2020. Disponível em: <https://oplas.org/sitio/2020/05/20/eduardo-viveiros-de-castro-lo-que-esta-pasando-en-brasil-es-un-genocidio/> Acesso: 21 mai 2020

Entrevistas

LUCITANTE, W. Conversa e entrevista com Javier Abi-Saab. Lago Agrio, Sucumbios, mar. 2018 e mai. 2020

VACA B. Conversa e entrevista com Javier Abi-Saab. Pacayacu, Sucumbios, mai. 2018.